

## **“A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR”: ACERCA DA ATRIBUIÇÃO AO PADRE SIMÃO VAZ DE CAMÕES, S.J., DE DOIS TEXTOS EDITADOS EM A PRECIOSA DE SOROR MARIA DO CÉU**

Quando, em 1733, saiu dos prelos da Oficina da Música *A Preciosa. Obras de Misericórdia*, atribuída a Marina Clemência, pseudónimo de Soror Maria do Céu, religiosa franciscana no Convento da Esperança de Lisboa, desconheciam certamente os censores e o editor que esta obra que, nas licenças preliminares, Fr. António de Santa Maria classificava, deslumbrado, como “roubo que se tinha feito ao Céu” viesse a ser considerada, séculos mais tarde, um roubo feito na terra.

Com efeito, em 1921, Mário Sá, na tentativa de descobrir a obra que nunca se achara do padre jesuíta Simão Vaz de Camões, nascido em Cabeço de Vide, no Alto Alentejo, em 1629, dirigiu-se à Biblioteca Pública de Évora, cidade onde o jesuíta tinha vivido largo tempo da sua vida, na esperança de aí encontrar o único texto atribuído a Simão Vaz e que Barbosa Machado referencia na *Biblioteca Lusitana*: “*Vida do Glorioso S. Paulo, primeiro Eremita. Poema sacro em cinco secções, manuscrito*”.

O catálogo da referida Biblioteca, organizado pelo célebre arquivista Cunha Rivara, refere, com efeito, com a cota Cod. CXIV/ 1-24, um “*Primaz do Ermo. S. Paulo Eremita; poema heróico em cinco cantos pelo Padre Simão Camões*”, que de imediato Mário Sá pensou tratar-se da obra perdida.

Entretanto, Leite de Vasconcelos, conhecedor da intenção de Mário Sá em editar as estrofes deste manuscrito encontrado, descobre que o texto *Primaz do Ermo* que Sá lhe tinha lido se encontrava já impresso num livro da autoria de Marina Clemência (Soror Maria do Céu...), intitulado *A Preciosa. Obras de Misericórdia*. Haveria, portanto, que acautelar atribuições precipitadas ou infundadas.

Ora, com este pretense achado de Simão Vaz (um parente de Camões...), Mário Sá projectava dar início ao estudo da antropogenética em Portugal, insólita

disciplina que pretendia ver “o homem através da família do homem, e a família do homem através da obra”<sup>1</sup>, alicerces para uma “futura composição dum retrato antropogenético de Luís de Camões, o qual será nascido da observação dos presentes e remotos Vaz de Camões”<sup>2</sup>. Contrariado por isso com este problema bibliográfico, Mário Sá enceta uma argumentação que dará origem a um capítulo do seu livro *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*, que intitulará “Suposta Autora. Processo contra Maria do Céu”.

Diga-se, entretanto, que o manuscrito de Évora contém dois poemas heróicos e não apenas um, numa disposição de folhas que entrelaça confusamente as duas obras e que só o confronto com o texto impresso de Soror Maria do Céu permitiu a Mário Sá deslindar. O manuscrito contém ainda fragmentos de um outro poema heróico, que não chegam a constituir um canto completo e cujo tema e autoria são impossíveis de se reconhecer<sup>3</sup>. Assim, no que aos textos de Soror Maria do Céu diz respeito, contém o manuscrito de Évora os primeiros cinco cantos do poema *Primaz do Ermo. S. Paulo Eremita* (com falhas de estâncias entre a estr. VII do Canto III e a estr. XII do Canto IV) e o quarto canto do poema *Ave Peregrina*, a partir da estr. XVIII, contendo também ainda, e só, a 1ª estrofe do Canto V. Faltam, por isso, os dois últimos cantos do primeiro poema e praticamente os quatro primeiros cantos de *Ave Peregrina* e todo o seu canto V, à excepção da primeira estrofe.

Perante estes factos, Mário Sá não elabora propriamente uma reflexão serena. Detém-se, talvez excessivamente, no desaparecimento da folha de rosto do manuscrito, que, segundo ele, conteria o nome do autor, e explica tal facto como uma atitude propositada e datável, seguramente, do ano de edição de *A Preciosa*, com o intuito de fazer desaparecer o nome do verdadeiro autor e não comprometer Soror Maria do Céu. Mas alheia-se dos vários cantos truncados no total dos dois poemas, não vendo aí qualquer intenção maldosa.

---

<sup>1</sup> Mário Sá – “Introdução aos Poemas”, *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões. Da mesma geração de Luís Vaz de Camões, recentemente encontrados por Mário Sá*, Lisboa-Porto-Coimbra, Lumen Empresa Internacional Editora, 1921, p. 44.

<sup>2</sup> Mário Sá – idem, ibidem.

<sup>3</sup> Para o leitor ter uma ideia da confusão que caracteriza o manuscrito de Évora, transcrevemos o conteúdo dos seus 37 fólios.

Fl. 1 a 12v – *Primaz do Ermo*, interrompendo-se a transcrição na estr. VII do Canto III.

Fl. 12v a 18v – Quarto Canto de *Ave Peregrina*, a partir da estr. XVIII até ao final e primeira estrofe do Canto V.

Fl. 18 a 24v – Fragmento de um poema em oitavas heróicas, desconhecido.

Fl. 25 a 30v – *Primaz do Ermo*, Canto IV, estr. XII a Canto V, estr. XV.

Fl. 31 a 37 – *Ave Peregrina*, estr. VI do Canto V até ao fim do poema, que tem só cinco cantos.

Os grandes argumentos apresentados por Mário Sá para sustentarem a ideia de que o verdadeiro autor destes dois poemas heróicos não é Soror Maria do Céu, mas, sim, Simão Vaz de Camões, repousam em três aspectos: o manuscrito anónimo ser datável do séc. XVII e, portanto, ser uma cópia do texto original de Simão Vaz de que Soror Maria do Céu se teria aproveitado; a atribuição destes textos, feita por Cunha Rivara, no séc. XIX, a Simão Vaz de Camões, provavelmente com base numa qualquer informação mais antiga, contida em velhos catálogos da Biblioteca eborense; e o termo “expandidos (e não “compostos”, como acontece em outras obras da autora), que ocorre na folha de rosto da edição de *A Preciosa* de Soror Maria do Céu, e que, do seu ponto de vista, denuncia, desde logo, que a obra não era de Soror Maria do Céu, camuflando, através deste subterfúgio, um furto literário.

A questão das autorias é, como se sabe, delicada. Tentarei equacionar este problema com base nos poucos factos de que dispomos, com vista a uma aproximação à verdadeira autoria destes poemas e a uma clarificação desta questão de interesse para a história da literatura portuguesa.

Simão Vaz de Camões é autor de um texto que, até hoje, ainda não apareceu. Barbosa Machado apresenta-o como “tendo génio natural para a poesia vulgar, compondo *Vida do Glorioso S. Paulo Primeiro Eremita*”<sup>4</sup>, o seu único texto identificável, mas nem a obra chegou a ser impressa nem o manuscrito se encontra nas nossas bibliotecas. O título do texto que terá escrito é, segundo esta única informação de que dispomos através de B. Machado, *Vida do glorioso S. Paulo primeiro Eremita* e não *Primaz do Ermo. S. Paulo Eremita*; seguindo esta mesma fonte, o poema de Simão Vaz teria cinco cantos (e não sete, como *Primaz do Ermo* tem), o que, à partida, parece retirar ao manuscrito de Évora algumas hipóteses de conter o texto composto pelo Padre Simão Vaz de Camões.

Por outro lado, em 1733, quando se edita *A Preciosa. Obras de Misericórdia*, já Soror Maria do Céu tinha editado, com pleno êxito, em 1715, *A Fénix aparecida na vida, morte, sepultura e milagres da gloriosa Santa Catarina Rainha de Alexandria*; e, em 1731, *A Preciosa. Alegoria Moral*. O furto literário que Mário Sá lhe pretende imputar aparenta, à primeira vista, uma certa inutilidade, pois não se destina nem a forjar uma autora nem a torná-la mais ilustre.

No entanto, a hipótese de que o editor de *A Preciosa* tenha atribuído estes poemas heróicos a Soror Maria do Céu, por a reconhecer merecedora de tal atribuição, e os tenha integrado, com desconhecimento da autora, no interior de *A Preciosa*, precisa de ser considerada, pois a História mostra bem o quanto algumas

---

<sup>4</sup> Diogo Barbosa Machado – *Biblioteca Lusitana*, Tomo III, Coimbra, Atlântida, 1966, p. 711.

obras de autores menos conhecidos têm sido frequentemente atribuídas a autores maiores. Todavia, que se conheça, não existe nenhum texto posterior em que Soror Maria do Céu – ou alguém por ela – tenha negado esta atribuição que lhe foi feita<sup>5</sup>.

Quanto às implicações que Mário Sá viu no termo “expendidos”, é de notar que ele aparece na sequência de “expostas”. De facto, o título geral da obra é: *A Preciosa. Obras de Misericórdia, em primorosos e místicos diálogos expostas. Elogios de Santos, em vários cantos poéticos e históricos expendidos por Marina Clemência*. Não me parece que “expendidos” tenha um sentido muito diferente de “expostas”, não criando nenhum dos termos, no contexto em que ocorrem, uma suspeita de que se trata de textos que não são da autora. De facto, “expendere” significa “explicar, fazendo ponderações”, “desenvolver”, “analisar”. E, logo, o que se diz na folha de rosto é que alguns elogios de santos são ampliados em discurso poético (diferente da concisão que marca as narrativas hagiográficas), sujeitos ao tipo de análise a que tal modalidade discursiva necessariamente conduz.

Quanto ao manuscrito em si, a cautelosa cópia da “forma ortográfica”<sup>6</sup> que Mário Sá diz ter realizado para mostrar a paleógrafos de vulto, no sentido de proceder à datação do texto, não adianta muito ao estado da questão. Ao datar o manuscrito de Évora do século XVII, Mário Sá não elimina a hipótese de o texto em causa ser uma cópia de um texto de Soror Maria do Céu, uma vez que a diferença de idades de Simão Vaz e de Maria do Céu não é tão grande quanto Mário Sá pretende fazer crer<sup>7</sup>. Efectivamente, Simão Vaz nasceu em 1629 e Soror Maria do Céu em 1658, ambos, portanto, em pleno século XVII. A ser o manuscrito do século XVII – e é-o, efectivamente, já de uma fase bastante tardia<sup>8</sup> –, tal facto não o impede de ser cópia de um texto de Soror Maria do Céu, permitindo até, nesse caso, datar a altura de produção dos poemas em causa, remontando-os a uma fase bastante anterior à

---

<sup>5</sup> Pelo contrário, em *Orbe Celeste*, Soror Maria do Céu referir-se-á a S. Paulo e a Santo Antão com a mesma perspectiva de indissociabilidade entre os dois santos que caracteriza o poema *Primaz do Ermo*: “À porta havia algumas palmeiras em que Paulo e Antão achariam opulenta a mensa, se a pusessem naquele deserto” (Soror Maria do Céu – *Orbe Celeste adornado de brilhantes estrelas*, Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1742, p. 63).

Sobre o poema *Primaz do Ermo*, permito-me remeter o leitor para Isabel Morujão – “O tema do eremitismo na literatura conventual feminina: S. Paulo Eremita em *A Preciosa* de Soror Maria do Céu. Dos relatos em prosa à narrativa épica”, in *Via Spiritus*, Porto, Ano 9, 2002.

<sup>6</sup> Mário Sá – *op. cit.*, p. 67.

<sup>7</sup> “Note-se, contudo, que Simão de Camões precedeu de muitos anos Marina Clemência”, afirma Mário Sá, *op. cit.*, p. 49, em nota.

<sup>8</sup> Agradeço ao Sr. Prof. Doutor Padre José Marques a amabilidade com que se prontificou a ajudar-me nesta questão paleográfica.

da sua edição, e explicando, de alguma maneira, a natureza compósita de *A Preciosa*. Mas o manuscrito pode também ser do século XVIII. Como se sabe, nestes casos de datações de textos, a margem de segurança oscila sempre em cerca de trinta anos. De facto, se a cópia em questão tiver sido feita por um copista já idoso, os traços de escrita mais antiga mantêm-se, mesmo que a tradição tenha, entretanto, mudado. E isso poderia estender a data do manuscrito até ao século XVIII. Mas que adianta tal facto a esta investigação? Mesmo sendo do século XVIII, o manuscrito de Évora poderia sempre ser uma cópia de um texto de Simão Vaz... E a hipótese de Mário Sá de que, sendo do século XVII, o manuscrito seria de Simão Vaz nem por isso faz aparecer o original que lhe terá servido de base.

Analise-se o último factor, do meu ponto de vista o único que verdadeiramente poderá deixar na dúvida o investigador: a atribuição feita por Cunha Rivara. Onde terá ido o arquivista buscar esta informação? Naturalmente, em Évora, o poema elaborado por Simão Vaz terá deixado ecos, fama... Por isso, em face de um manuscrito cujo título remete para uma temática que Rivara associaria ao Padre Simão Vaz (um Camões!), e desconhecendo, muito provavelmente, o conteúdo de *A Preciosa. Obras de Misericórdia* de Soror Maria do Céu, Rivara terá atribuído o texto a quem julgou ser o seu autor.

Há, no entanto, um dado que Mário Sá, na vertiginosa ansiedade com que quis descobrir um autor e revelar um texto, acabou por descurar: o texto em si. Saindo fora da área dos paratextos, sempre muito útil, mas, neste caso, absolutamente labiríntica e ineficaz, o investigador consegue, através do próprio texto, avançar uma hipótese de clarificação de autorias.

*Primaz do Ermo* é um poema heróico em sete cantos. Cunha Rivara, ao manipular um manuscrito confuso, de que não entendeu que continha dois poemas distintos, descreveu a espécie de Évora como um poema em cinco cantos, porque o último canto que o manuscrito apresentava ao leitor era efectivamente um “canto quinto”, só que do poema *Ave Peregrina* e não de *Primaz do Ermo*. Sabe-se, por Barbosa Machado, que o padre jesuíta escrevera um poema sobre S. Paulo Eremita em cinco cantos e isso poderá ter induzido o arquivista em erro, como reconhece o próprio Mário Sá. Porém, nem o facto de *Primaz do Ermo* constituir um poema em sete cantos, e não em cinco, esmoreceu as convicções de Mário Sá de que fora escrito por Simão Camões.

Continuando a analisar o texto em causa, verifica-se que, no canto VII de *Primaz do Ermo*, ao encerrar a narrativa hagiográfica em torno de S. Paulo, o narrador afirma, na estrofe XVI:

“Este foi Paulo santo, de quem falo;  
Mas pare, Musa, aqui, tua harmonia,

Porque de Paulo quando atenta calo,  
Só outro Antão por mim dizer podia.”

É, assim, assumindo uma enunciação feminina (“atenta”), que o narrador conclui a narração que fizera da história de S. Paulo Eremita. Ora, no séc. XVII, tal estratégia discursiva seria impensável num autor homem, no caso vertente, um padre jesuíta. Com as autoras, o contrário sucedeu muitas vezes, até porque era frequentemente como “varonis alentos”<sup>9</sup> que a produção literária feminina era valorizada. A generalidade da produção conventual feminina portuguesa oscila entre estas duas estratégias: assumir-se no feminino (como nesta estrofe aqui transcrita) ou manter o masculino tradicional, como a mesma Soror Maria do Céu fará, por exemplo, em *Ave Peregrina*: “que ousado escrevo, que atrevido canto,/ Com pena de águia não, - com voz de espanto!<sup>10</sup>”. De qualquer forma, estes mesmos versos traem também uma origem feminina do texto, nestas alusões às ousadias e atrevimentos, que, no contexto predominantemente masculino de produções e publicações, emergem frequentemente nas considerações iniciais das autoras, oscilando funcionalmente entre tópico de modéstia e subtil estratégia de *captatio benevolentiae*. Efectivamente, nas páginas preliminares de *A Preciosa*, Maria do Céu dirige-se “Ao Leitor” nestes termos: “e de caminho desculpa a meu sexo escrever livros, a minha rudeza o compor versos, a meu atrevimento o tocar textos, a minha ignorância o definir questões”.

Infelizmente, esta estrofe que transcrevi pertence à parte privativa de *A Preciosa* de Soror Maria do Céu, pois ocorre justamente num dos cantos truncados do manuscrito, não existindo outro meio de confirmar a sua autenticidade. Para além disso, o poema *Primaz do Ermo* não apresenta mais nenhuma marca explícita de enunciação feminina que permita consolidar melhor esta conclusão de que o texto não é de Simão Vaz de Camões.

De facto, é sempre possível invocar-se a hipótese de gralha de impressão, que trocasse masculino por feminino (embora o verso resultasse melodicamente mais fraco). Mas o confronto com a mesma estratégia de enunciação feminina que ocorre em outras autoras de poemas heróicos, como Soror Maria de Mesquita Pimentel<sup>11</sup>,

---

<sup>9</sup> Expressão retirada de um soneto de Luís Godinho de Niza, dedicado a Marina Clemência e transcrito por Mário Sá em “Suposta Autora: Processo contra Soror Maria do Céu”, *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*, ed. cit., p. 52.

<sup>10</sup> *Ave Peregrina*, Canto V, Estr. XXI.

<sup>11</sup> No Canto II, estr. 92 do seu *Memorial da Infância de Cristo*, a autora termina deste modo: “Porque afinando o plectro, entretanto/ A ele leda ponha novo canto”. Sobre este poema heróico de

por exemplo, autoriza-nos a suspeitar da veracidade original deste “atenta” e, na sequência disso, a desvalorizar um manuscrito anónimo e sem folha de rosto, que um arquivista zeloso, mas não suficientemente ilustrado, atribuiu, sem fundamento hoje caucionável, a Simão Vaz de Camões.

Diga-se também que a atribuição destas obras a Soror Maria do Céu não criou qualquer problema relativamente à generalidade da obra desta autora, não desfigurando a sua especificidade. Sobretudo, saliente-se que foi como textos da autoria de uma religiosa franciscana que as obras foram recebidas, lidas e interiorizadas durante muito tempo, sem constrangimento. E tal facto não é de todo negligenciável numa história do livro e da leitura.

Por tudo isto, mas sobretudo pela falta de solidez da atribuição destes textos a Simão Vaz de Camões, parece mais sensato continuar a pensar que as obras em causa foram efectivamente produzidas por Soror Maria do Céu.

Mário Sá avançou com a publicação destes dois poemas, que atribuiu, naturalmente, a Simão Vaz de Camões, completando a lição do manuscrito de Évora com o restante texto impresso em *A Preciosa* de Soror Maria do Céu. Era minha intenção reeditar aqui, nesta revista, o primeiro desses dois textos<sup>12</sup>. Mas o leitor poderá sempre lê-lo, na íntegra, na edição que dele fez Mário Sá, em *Poemas Heróicos de Simão Vaz de Camões*, embora reequacionando a questão da sua autoria, por forma a dar a “César... o que é de César”.

*Isabel Morujão*

---

Soror Pimentel, veja-se Isabel Morujão – “Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, in *Via Spiritus*, Porto, Ano 5, 1998, pp. 177-208.

<sup>12</sup> Intenção resultante de um trabalho elaborado sobre *Primaz do Ermo*, citado na nota 5.